



COORDENAÇÃO  
Gonçalo de Vasconcelos e Sousa  
Ana Pessoa

ACTAS DO III COLÓQUIO INTERNACIONAL

# A Casa Senhorial

Anatomia de Interiores



PORTO

## Ficha Técnica

---

### Título

Actas do III Colóquio Internacional  
A Casa Senhorial: Anatomia de Interiores

### Coordenação e Introdução

Gonçalo de Vasconcelos e Sousa  
Ana Pessoa

### Local de Edição

Porto

### Data

2018

### Edição

Universidade Católica Editora – Porto  
CITAR – Centro de Investigação em Ciência  
e Tecnologia das Artes (EA-UCP)

### Tiragem

500 exemplares

### Impressão e Acabamento

Clássica, Artes Gráficas - Porto

### Concepção Gráfica

Carlos Gonçalves

### Depósito Legal

439288/18

### ISBN

978-989-8835-42-0

### Capa

Pormenor do papel de parede “Cenas do Novo Mundo”, da oficina de Zuber, 2.º quartel do séc. XIX, que decora as paredes da sala com o mesmo nome na Casa de Sezim, em Guimarães, Portugal.

---

### III Colóquio Internacional

#### A Casa Senhorial: Anatomia de Interiores

16 e 17 de junho de 2016, Porto, Portugal  
Escola das Artes – Universidade Católica Portuguesa

#### Organização:

Prof. Doutor Gonçalo de Vasconcelos  
e Sousa (CITAR-Escola das Artes/UCP)  
Doutora Ana Pessoa (Fundação  
Casa de Rui Barbosa/Minc)

#### Promoção

Fundação Casa de Rui Barbosa/Ministério da Cultura  
Centro de Investigação em Ciência e Tecnologia das  
Artes (CITAR)/Universidade Católica Portuguesa  
Instituto de História da Arte – FCSH/  
Universidade Nova de Lisboa  
Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT)

#### Apoio

Fundação do Ricardo Espírito Santo  
PPGAU – Escola de Arquitetura e Urbanismo – UFF  
PPGAV – Escola de Belas Artes – UFRJ

### Comissão Científica

Prof. Doutora Ana Lúcia Vieira Santos (EAU/UFF)  
Doutora Ana Pessoa (FCRB)  
Prof. Doutor Carlos Alberto d’Ávila Santos (UFPeI)  
Doutor Carlos de Almeida Franco (CITAR-EA/UCP)  
Prof. Doutor Gonçalo de Vasconcelos  
e Sousa (CITAR-EA/UCP)  
Prof. Doutor Helder Carita (IHA-FSCH-UNL)  
Prof. Doutora Isabel Mendonça (IHA-FSCH-UNL)  
Prof. Doutor José Ferrão Afonso (CITAR-EA/UCP)  
Prof. Doutora Marize Malta (EBA/UFRJ)  
Prof. Doutor Nelson Porto (UFES)

### Conselho Editorial

Prof. Doutora Ana Lúcia Vieira Santos  
Doutora Ana Pessoa (FCRB)  
Prof. Doutor Gonçalo de Vasconcelos  
e Sousa (CITAR-EA/UCP)  
Prof. Doutor Helder Carita  
Prof. Doutora Isabel Mendonça  
Prof. Doutora Marize Malta



CATOLICA  
ESCOLA DAS ARTES

PORTO



CATOLICA  
CITAR - CENTRO DE INVESTIGAÇÃO  
EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA DAS ARTES

PORTO



# ÍNDICE

|  |     |
|--|-----|
| <b>INTRODUÇÃO</b> .....  | 5   |
| <b>A VARANDA ALPENDRADA NA EVOLUÇÃO NA CASA SENHORIAL<br/>LUSO-INDO-BRASILEIRA — SÉCULOS XVI A XVIII</b> .....   | 7   |
| Helder Carita  |     |
| <b>DO LUGAR AO HABITAR: ESTUDO SOBRE A CASA-PÁTIO EM GOA</b> .....   | 29  |
| Joana Caixinha Silvestre   |     |
| <b>QUINTA DAS LAPAS: RECREIO E ERUDIÇÃO NUMA NOTÁVEL MORADA<br/>DO 1.º MARQUÊS DE ALEGRETE (1641-1709)</b> .....   | 45  |
| Maria Alexandra Trindade Gago da Câmara & Teresa Campos Coelho   |     |
| <b>A VILLA CATHARINO, A ALCÂNDORA BAIANA</b> .....   | 69  |
| Maria do Carmo B. E. de Almeida  |     |
| <b>O ANTEPROJETO DO PISO NOBRE DE UM PALÁCIO AO BAIRRO ALTO DE<br/>FINAIS DO SÉCULO XVII</b> .....   | 89  |
| Tiago Molarinho Antunes  |     |
| <b>PALÁCIOS IMPERIAIS DO RIO DE JANEIRO NO SEGUNDO REINADO:<br/>TRANSFORMAÇÕES E NOVOS PADRÕES DISTRIBUTIVOS</b> .....   | 105 |
| Ana Lucia Vieira dos Santos & Rebecca de Castro Leal Costa Reis  |     |
| <b>AS CASAS DO COMENDADOR ALBINO DE OLIVEIRA GUIMARÃES</b> .....   | 123 |
| Ana Pessoa   |     |
| <b>O CICLO DE PINTURA MURAL DE CYRILLO VOLKMAR MACHADO NO<br/>PALÁCIO POMBEIRO-BELAS, À BEMPOSTA (LISBOA)</b> .....  | 145 |
| Sofia Braga  |     |
| <b>O MUSEU CASA DO DR. CARLOS BARBOSA GONÇALVES, JAGUARÃO, RS.</b> .....   | 167 |
| Carlos Alberto Ávila Santos  |     |
| <b>DO REI D. FERNANDO II AO PRESIDENTE SIDÓNIO. A PINTURA DE<br/>CLARO-ESCURO EM PALÁCIOS DA REGIÃO DE LISBOA – PAOLO PIZZI,<br/>PIERRE BORDES, EUGÉNIO COTRIM</b> ..... | 177 |
| Isabel Mayer Godinho Mendonça  |     |

|   |     |
|---|-----|
| <b>A CONTRIBUIÇÃO DOS BRASILEIROS DE TORNA-VIAGEM PARA O CULTO DO CONFORTO NA CIDADE DO PORTO. O CONDE DE SILVA MONTEIRO E OS SEUS MODOS DE HABITAR</b> . . . . . | 193 |
| Maria de São José Pinto Leite   |     |
| <b>A SALA DE MÚSICA DA CASA DAS BROLHAS EM LAMEGO: PROGRAMAS DECORATIVOS E ICONOGRÁFICOS</b> . . . . .  | 215 |
| Inês da Conceição do Carmo Borges   |     |
| <b>SOBRE O IMPÉRIO E A HONRA: A DECORAÇÃO E O USO DO ANTIGO PALÁCIO DOS GOVERNADORES DO PARÁ AO TEMPO DE AUGUSTO MONTENEGRO (1901-1908)</b> . . . . .             | 235 |
| Aldrin Moura de Figueiredo  |     |
| <b>O ESTOJO DE FAQUEIRO E A SUA IMPORTÂNCIA NA SALA DE JANTAR PORTUGUESA DURANTE OS SÉCULOS XVIII E XIX</b> . . . . .   | 255 |
| Alexandra Santos  |     |
| <b>ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A CASA NOBRE PORTUENSE E OS SEUS OBJECTOS DE LUXO, À LUZ DA PRAGMÁTICA DE 1610</b> . . . . .                                       | 273 |
| José Ferrão Afonso  |     |
| <b>NO BALANÇO DAS ONDAS DE UMA CADEIRA DE BALANÇO... O FENÔMENO DOS MÓVEIS AUSTRIACOS NAS CASAS CARIOCAS DE FINS DO SÉCULO XIX</b> . . . . .                      | 289 |
| Marize Malta  |     |
| <b>AQUISIÇÃO DE MÓVEIS E ORNAMENTAÇÃO PARA A RESIDÊNCIA DE UM DIPLOMATA: O GOSTO DE ALEXANDRE SOUSA HOLSTEIN</b> . . . . .  | 311 |
| Michela Degortes  |     |

COORDENAÇÃO

**Gonçalo de Vasconcelos e Sousa**  
(CITAR-Escola das Artes/UCP)

**Ana Pessoa**  
(Fundação Casa de Rui Barbosa/Minc)

**ACTAS DO III COLÓQUIO INTERNACIONAL**

**A Casa Senhorial:**  
**Anatomia de Interiores**

2018

## Ficha Técnica

---

### Título

Actas do III Colóquio Internacional  
A Casa Senhorial: Anatomia de Interiores

### Coordenação e Introdução

Gonçalo de Vasconcelos e Sousa  
Ana Pessoa

### Local de Edição

Porto

### Data

2018

### Edição

Universidade Católica Editora – Porto  
CITAR – Centro de Investigação em Ciência  
e Tecnologia das Artes (EA-UCP)

### Tiragem

500 exemplares

### Impressão e Acabamento

Clássica, Artes Gráficas - Porto

### Concepção Gráfica

Carlos Gonçalves

### Depósito Legal

439288/18

### ISBN

978-989-8835-42-0

### Capa

Pormenor do papel de parede “Vistas da América do Norte”, da oficina de Zuber, França, 2.º quartel do séc. XIX, que decora as paredes numa das salas da Casa de Sezim, em Guimarães, Portugal.

---

### III Colóquio Internacional

#### A Casa Senhorial: Anatomia de Interiores

16 e 17 de junho de 2016, Porto, Portugal  
Escola das Artes – Universidade Católica Portuguesa

#### Organização:

Prof. Doutor Gonçalo de Vasconcelos  
e Sousa (CITAR-Escola das Artes/UCP)  
Doutora Ana Pessoa (Fundação  
Casa de Rui Barbosa/Minc)

#### Promoção

Fundação Casa de Rui Barbosa/Ministério da Cultura  
Centro de Investigação em Ciência e Tecnologia das  
Artes (CITAR)/Universidade Católica Portuguesa  
Instituto de História da Arte – FCSH/  
Universidade Nova de Lisboa  
Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT)

#### Apoio

Fundação do Ricardo Espírito Santo  
PPGAU – Escola de Arquitetura e Urbanismo – UFF  
PPGAV – Escola de Belas Artes – UFRJ

### Comissão Científica

Prof. Doutora Ana Lúcia Vieira Santos (EAU/UFF)  
Doutora Ana Pessoa (FCRB)  
Prof. Doutor Carlos Alberto d’Ávila Santos (UPPel)  
Doutor Carlos de Almeida Franco (CITAR-EA/UCP)  
Prof. Doutor Gonçalo de Vasconcelos  
e Sousa (CITAR-EA/UCP)  
Prof. Doutor Helder Carita (IHA-FSCH-UNL)  
Prof. Doutora Isabel Mendonça (IHA-FSCH-UNL)  
Prof. Doutor José Ferrão Afonso (CITAR-EA/UCP)  
Prof. Doutora Marize Malta (EBA/UFRJ)  
Prof. Doutor Nelson Porto (UFES)

### Conselho Editorial

Prof. Doutora Ana Lúcia Vieira Santos  
Doutora Ana Pessoa (FCRB)  
Prof. Doutor Gonçalo de Vasconcelos  
e Sousa (CITAR-EA/UCP)  
Prof. Doutor Helder Carita  
Prof. Doutora Isabel Mendonça  
Prof. Doutora Marize Malta



CATOLICA  
ESCOLA DAS ARTES

PORTO



CATOLICA  
CITAR - CENTRO DE INVESTIGAÇÃO  
EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA DAS ARTES

PORTO



# ÍNDICE

|  |     |
|--|-----|
| <b>INTRODUÇÃO</b> .....  | 5   |
| <b>A VARANDA ALPENDRADA NA EVOLUÇÃO NA CASA SENHORIAL<br/>LUSO-INDO-BRASILEIRA — SÉCULOS XVI A XVIII</b> .....   | 7   |
| Helder Carita  |     |
| <b>DO LUGAR AO HABITAR: ESTUDO SOBRE A CASA-PÁTIO EM GOA</b> .....   | 29  |
| Joana Caixinha Silvestre   |     |
| <b>QUINTA DAS LAPAS: RECREIO E ERUDIÇÃO NUMA NOTÁVEL MORADA<br/>DO 1.º MARQUÊS DE ALEGRETE (1641-1709)</b> .....   | 45  |
| Maria Alexandra Trindade Gago da Câmara & Teresa Campos Coelho   |     |
| <b>A VILLA CATHARINO, A ALCÂNDORA BAIANA</b> .....   | 69  |
| Maria do Carmo B. E. de Almeida  |     |
| <b>O ANTEPROJETO DO PISO NOBRE DE UM PALÁCIO AO BAIRRO ALTO DE<br/>FINAIS DO SÉCULO XVII</b> .....   | 89  |
| Tiago Molarinho Antunes  |     |
| <b>PALÁCIOS IMPERIAIS DO RIO DE JANEIRO NO SEGUNDO REINADO:<br/>TRANSFORMAÇÕES E NOVOS PADRÕES DISTRIBUTIVOS</b> .....   | 105 |
| Ana Lucia Vieira dos Santos & Rebecca de Castro Leal Costa Reis  |     |
| <b>AS CASAS DO COMENDADOR ALBINO DE OLIVEIRA GUIMARÃES</b> .....   | 123 |
| Ana Pessoa   |     |
| <b>O CICLO DE PINTURA MURAL DE CYRILLO VOLKMAR MACHADO NO<br/>PALÁCIO POMBEIRO-BELAS, À BEMPOSTA (LISBOA)</b> .....  | 145 |
| Sofia Braga  |     |
| <b>O MUSEU CASA DO DR. CARLOS BARBOSA GONÇALVES, JAGUARÃO, RS.</b> .....   | 167 |
| Carlos Alberto Ávila Santos  |     |
| <b>DO REI D. FERNANDO II AO PRESIDENTE SIDÓNIO. A PINTURA DE<br/>CLARO-ESCURO EM PALÁCIOS DA REGIÃO DE LISBOA – PAOLO PIZZI,<br/>PIERRE BORDES, EUGÉNIO COTRIM</b> ..... | 177 |
| Isabel Mayer Godinho Mendonça  |     |

|   |     |
|---|-----|
| <b>A CONTRIBUIÇÃO DOS BRASILEIROS DE TORNA-VIAGEM PARA O CULTO DO CONFORTO NA CIDADE DO PORTO. O CONDE DE SILVA MONTEIRO E OS SEUS MODOS DE HABITAR</b> . . . . . | 193 |
| Maria de São José Pinto Leite   |     |
| <b>A SALA DE MÚSICA DA CASA DAS BROLHAS EM LAMEGO: PROGRAMAS DECORATIVOS E ICONOGRÁFICOS</b> . . . . .  | 215 |
| Inês da Conceição do Carmo Borges   |     |
| <b>SOBRE O IMPÉRIO E A HONRA: A DECORAÇÃO E O USO DO ANTIGO PALÁCIO DOS GOVERNADORES DO PARÁ AO TEMPO DE AUGUSTO MONTENEGRO (1901-1908)</b> . . . . .             | 235 |
| Aldrin Moura de Figueiredo  |     |
| <b>O ESTOJO DE FAQUEIRO E A SUA IMPORTÂNCIA NA SALA DE JANTAR PORTUGUESA DURANTE OS SÉCULOS XVIII E XIX</b> . . . . .   | 255 |
| Alexandra Santos  |     |
| <b>ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A CASA NOBRE PORTUENSE E OS SEUS OBJECTOS DE LUXO, À LUZ DA PRAGMÁTICA DE 1610</b> . . . . .                                       | 273 |
| José Ferrão Afonso  |     |
| <b>NO BALANÇO DAS ONDAS DE UMA CADEIRA DE BALANÇO... O FENÔMENO DOS MÓVEIS AUSTRIACOS NAS CASAS CARIOCAS DE FINS DO SÉCULO XIX</b> . . . . .                      | 289 |
| Marize Malta  |     |
| <b>AQUISIÇÃO DE MÓVEIS E ORNAMENTAÇÃO PARA A RESIDÊNCIA DE UM DIPLOMATA: O GOSTO DE ALEXANDRE SOUSA HOLSTEIN</b> . . . . .  | 311 |
| Michela Degortes  |     |



# A VILLA CATHARINO, A ALCÂNDORA BAIANA

Maria do Carmo B. E. de Almeida

Desde as últimas décadas do século XX, muitos estudos têm considerado a arquitetura como uma chave para a compreensão da história da cidade, investigando as relações entre tipologias arquitetônicas e morfologia urbana. É na arquitetura residencial, entretanto, que estas relações se colocam de forma mais evidente, pois representam como afirma Rossi<sup>1</sup>, o modo concreto de viver de um povo, as permanências e rupturas nas maneiras de morar, nas formas ou técnicas aplicadas ao espaço construído.

Este trabalho é um desdobramento de uma pesquisa de maior abrangência que estuda o processo de modernização urbana de Salvador, a partir de meados do século XVIII, particularmente através do estudo da habitação. Um aprofundamento da investigação sobre o imóvel ocorreu quando da sua adaptação para abrigar o Museu Rodin Bahia, atual Palacete das Artes, em 2006, e, posteriormente, com o levantamento da produção arquitetônica dos italianos que migraram para a capital da Bahia na primeira década dos Novecentos, no qual se destaca a obra do arquiteto Rossi Baptista.

A Villa Catharino, uma casa burguesa por excelência, aqui toma emprestada uma referência ao edifício, encontrada em folheto laudatório pelo Prof. Godofredo Filho em seu parecer sobre o tombamento do edifício pelo Governo do Estado da Bahia. Em alusão à genialidade comercial do seu proprietário, a casa é apresentada como a marca da distinção e do êxito social daquele que “[...] viera de um pobre ‘ninho’ lusitano para ascender à ‘alcândora’ baiana”<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> ROSSI, Aldo. *La arquitectura de la ciudad*. Barcelona: Gustavo Gili, 1982.

<sup>2</sup> GODOFREDO FILHO. A influência do Ecletismo na Arquitetura Baiana. In: *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. Rio de Janeiro, n. 19. 1984. p. 19.

## 1. Um endereço nobre

O início do século XX trouxe grandes transformações à cidade da Bahia. O conjunto de mudanças econômicas e sociais ocorrido durante o século anterior e que culminou com a República, favoreceu a assimilação de novos valores por uma burguesia ascendente que buscava referências nas cidades europeias, tidas como modernas e civilizadas. Salvador, primeira capital do país, foi também o local da primeira Faculdade de Medicina, fundada em 1808, onde se desenvolveu um discurso higienista sobre o espaço urbano que embasou as ações das elites políticas sobre a cidade. O abandono do velho centro colonial e a paulatina ocupação de áreas suburbanas, em crescente valorização imobiliária, são alguns dos principais reflexos deste ideário. Estas novas áreas, ocupadas desde meados do século anterior pelos inúmeros estrangeiros que se estabeleceram na cidade em virtude das atividades comerciais, concentraram as residências da classe mais abastada, construídas dentro de padrões arquitetônicos que refletiam as novas formas de morar.

Alguns setores do distrito da Vitória (Campo Grande, Corredor da Vitória e Graça), áreas de características suburbanas até então, tornaram-se assim um endereço nobre, local das “melhores casas” e da “melhor sociedade”, opinião recorrente entre os inúmeros viajantes que visitaram a cidade a partir dos meados do século XIX. As antigas chácaras deram lugar a uma nova morfologia urbana, de ruas mais largas e arborizadas, com lotes de dimensões generosas, nos quais a embrionária legislação sobre o uso e a ocupação do solo exigirá a criação de jardins. Este novo vetor de expansão urbana atendia a um projeto de modernização levado a cabo pelo Estado, que induziria a efetiva ocupação da área através da implantação dos serviços de iluminação a gás, limpeza urbana, mas, principalmente, do transporte público. Em sítio acidentado, esta ocupação das elites margeava a linha da encosta e, paulatinamente, se interiorizava pelas antigas fazendas e chácaras através das novas vias que se abriam para os recentes loteamentos.

As grandes áreas desocupadas ainda percebidas na Graça na década de 1910, resultantes dos novos loteamentos, favoreciam a implantação de uma nova tipologia residencial destinada às classes de maior poder aquisitivo, consolidando este perfil da ocupação durante a década seguinte. A produção da arquitetura deste trecho da cidade passava a ser alvo de um maior controle por parte dos setores técnicos de licenciamento de obras, seja nas questões relativas à salubridade dos espaços (aeração, iluminação, cubagem), seja naquelas relativas à imagem do edifício e do conjunto arquitetônico (volumetria, estilo, modenaturas), revelando a existência de um projeto estético para a

cidade<sup>3</sup>. Deste projeto de *aformoseamento* fazia parte o ajardinamento de largos e praças e a arborização de logradouros, elemento que, além de atender às recomendações do discurso médico da higiene pública, desempenhava um papel na composição estética do conjunto urbano.

A idealizada imagem moderna e civilizada das elites da cidade será, em grande parte, construída pela arquitetura residencial deste trecho da cidade. As *Villas*, os palacetes, as mansões, nas muitas denominações utilizadas pela aristocracia para distinguir suas propriedades no espaço urbano, multiplicaram-se no distrito da Vitória, edificadas, em geral, pelas novas fortunas da cidade, que trocavam a moradia do antigo centro pelos novos ares dos bairros nobres.

Neste contexto, a Villa Catharino é certamente um dos exemplares mais significativos da arquitetura residencial deste momento na cidade do Salvador, edifício que, reflexo de uma nova ordem, da revolução dos hábitos do cotidiano burguês, dos novos ritos da vida doméstica, trará ainda as contradições do passado colonial.

## 2. O Comendador Catharino, uma águia dos negócios

Bernardo Martins Catharino foi uma personalidade de grande destaque na Salvador do início do século XX. Nascido em uma fazenda situada em Santo André de Poiares (atual, Vila Nova de Poiares), Portugal, aos 3 de julho de 1861, seguiu ainda adolescente para o Brasil em busca de melhores condições de vida, como tantos outros jovens neste período. Com um “emprego de encomenda”, chegou em 1874, aos 13 anos de idade, à cidade de Feira de Santana onde havia grande e próspera colônia portuguesa, com muitos de seus membros dedicados ao comércio. Trabalhando na firma Joaquim José da Costa & Irmãos, rapidamente se destacou pelo seu empenho e tino comercial: aos 19 anos de idade, tornou-se o gerente dos negócios e, três anos mais tarde, sócio da, então, Costa Irmão & Cia.

Em 1883, aos 22 anos, casa-se com D. Úrsula Costa, filha do seu primeiro empregador. Em 1888, buscando expandir os negócios e garantir uma melhor educação aos filhos, transferiu-se para Salvador, onde fez grande fortuna. O apurado senso de oportunidade e a grande capacidade de recuperação de firmas em dificuldades foram a marca dos empreendimentos de Bernardo Catharino. No início da República, a diversificação de seus negócios imprimiu a marca do seu nome na

---

<sup>3</sup> A esse respeito, Cf. ALMEIDA, Maria do Carmo B. E. de. *A Vitória na 'Renascença Bahiana': a ocupação do distrito e sua arquitetura na Primeira República (1890-1930)*. Salvador, 1997. Dissertação apresentada ao Mestrado em Arquitetura e Urbanismo da FAUFBA.

vida da cidade, ao que se juntava a grande contribuição da família em obras beneméritas e sociais e naquelas de caráter religioso, o que lhe já havia lhe rendido a Comenda da Ordem da Rosa. Foi proprietário da Companhia Progresso União, que reunia um grupo de fábricas têxteis, e no auge de sua produção, contava com mais de 2000 funcionários. Foi acionista do Empório Industrial do Norte, da Usina Cinco Rios, do Banco Econômico da Bahia, Companhia de Seguros Aliança da Bahia, da Companhia de Seguros Sul America, da Companhia Sagres, entre outros. Possuía ilhas, como a de Cajayba, dos Frades e Ilha Pequena, alguns engenhos, um vasto patrimônio imobiliário em Salvador, além de investimentos industriais no Rio de Janeiro e representações comerciais ligadas ao capital inglês<sup>4</sup>.



Fig. 1 – O Comendador Bernardo Catharino e D. Úrsula, sua esposa, na varanda da residência. Data desconhecida. Fonte: Acervo da Família Catharino.

Como tantos outros bem-sucedidos portugueses que aventuraram uma vida melhor no Brasil, o Comendador Catharino manteve ligações com sua terra natal,

[...] lugar que visitava e para onde enviava generosas doações para a manutenção e reforma da Igreja N. Senhora das Necessidades;

---

<sup>4</sup> Sobre o Comendador Catharino ver o artigo de Kátia F. Jordan, Bernardo Martins Catharino, uma presença, in: JORDAN et al. *De Villa Catharino a Museu Rodin Bahia; um palacete baiano e sua história 1912-2006*. Salvador: Solisluna, 2006. p. 21-56.

o aparelhamento de uma enfermaria no hospital; a construção de um asilo e de um parque<sup>5</sup>.

O status que adquirira ao longo dos anos e os novos horizontes propiciados pelas inúmeras viagens ao exterior balizaram o desejo de uma nova moradia para a família. Estabelecido na Travessa do Rosário, no distrito de São Pedro, área de ocupação mais antiga da cidade, desde a sua chegada de Feira de Santana, o Comendador planejou durante alguns anos a nova moradia. O terreno escolhido situava-se nos novos loteamentos da Rua da Graça, área aristocrática, onde no entorno, anos mais tarde, se instalariam as moradias de alguns filhos. Maria Cecília Homem nos informa ser comum neste período o estabelecimento de outras casas na vizinhança a partir da casa principal, ou até no próprio lote, com a finalidade de abrigarem parentes e filhos casados, condição, a seu ver, indicativa de dependência e autoridade patriarcal<sup>6</sup>, relação observada com maior evidência quando se dava na ocupação de novos loteamentos. Muitos filhos chegaram a morar na casa-matriz, onde mantinham seus quartos, local onde também as filhas casadas vinham dar a luz, criando um polo centralizador do núcleo familiar.

Sabe-se que foram cinco os projetos elaborados para a residência, três dos quais elaborados pelo arquiteto italiano Rossi Baptista, contratado em 1911 para este fim. Para a decoração dos interiores, o florentino Oreste Sercelli fora chamado ainda em 1906, quando trabalhava em São Paulo. A nova residência, concebida seguindo os novos parâmetros de domesticidade, conforto e beleza, era antes de tudo um símbolo de triunfo que sinalizava à sociedade o status de seus moradores. O Comendador Catharino residiu na *Villa* desde a sua inauguração até a sua morte, em 1944, e o estudo de sua habitação oferece informações não só sobre sua personalidade e hábitos, mas revela as transformações das maneiras de morar condicionadas aos novos códigos sociais da burguesia.

### 3. Rossi Baptista, um architecto-constructor

O arquiteto Rossi Baptista chegou a Salvador no período das grandes remodelações urbanas promovidas pelo Primeiro Governo de José Joaquim Seabra (1912-1916). A efervescência das obras em curso atraiu à capital um número considerável de profissionais ligados à construção civil, insuficientes, entretanto, para o vulto dos trabalhos idealizados

<sup>5</sup> Idem. p. 36.

<sup>6</sup> HOMEM, Maria Cecília Naclério. *O palacete paulistano e outras formas de morar da elite cafeeira; 1867-1918*. São Paulo: Martins Fontes, 1996. p. 249.

para a cidade. As investigações sobre este contingente de profissionais da construção civil que atuaram na cidade, neste período, ainda são embrionárias<sup>7</sup>. Suas origens, formações e percurso profissional constituem um vasto campo para a pesquisa. É possível que muitos tenham migrado do Rio de Janeiro, particularmente os de origem italiana, uma vez que estes profissionais tiveram um papel eminente na execução da reforma urbana promovida por Pereira Passos, anos antes, da qual participou o Governador Seabra. Godofredo Filho, entretanto, atribui as obras de maior vulto então realizadas,

[...] a técnicos italianos aqui chegados a partir de 1912, no 1º Governo Seabra, quando o Secretário Geral Arlindo Fragoso e, sobretudo, o Intendente Julio Viveiros Brandão, buscaram abastecer-se em São Paulo de arquitetos, escultores, pintores, decoradores e artesãos especializados, com o fito de mudar, como pretenderam e em parte conseguiram, a grave e tranquila fisionomia plástica de Salvador<sup>8</sup>.

A atuação profissional de Rossi Baptista na cidade de Salvador, como da quase totalidade dos estrangeiros que aí trabalharam neste período, ainda apresenta grandes lacunas. Os seus dados biográficos são desconhecidos. Sabe-se que chegou à Bahia por intermédio do Comendador Bernardo Martins Catharino, em 1911, para quem elaborou alguns projetos para sua residência, e outros tantos na mesma época para a burguesia local. Segundo arquitetos que chegaram a conhecê-lo no fim da vida, foi o único profissional do grupo de italianos chegados na década de 1910 que fixou residência na cidade.

Sobre a sua formação também são conflitantes as informações. Apesar de apresentar-se como arquiteto, sabemos ser comum e legal no período a atuação de profissionais que projetavam e construíam sem que possuíssem a formação acadêmica das escolas de engenharia ou arquitetura, apesar da reconhecida experiência; na tradição italiana, os *capomaestri*. Nos projetos de sua autoria, as pranchas trazem sua assinatura de três maneiras distintas: simplesmente assinadas, com carimbo e a designação de *arquitecto-Constructor*, ou como *Constructor* (ainda que, nestes casos, não identifiquemos outro autor para o projeto). Além disso, Rossi Baptista costumava assinar os seus edifícios com uma pequena placa que o identificava como autor da obra.

---

<sup>7</sup> A este respeito, ver PUPPI, Suely de Oliveira. *A arquitetura dos italianos em Salvador, 1912-1924*. Monumentos de traços europeus e modernização urbana no início do século XX. Dissertação (Mestrado). 1997. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo. São Paulo, 1997.

<sup>8</sup> GODOFREDO FILHO, op. cit., p. 15.



Fig. 2 – Placa existente no Palacete Catharino, à Rua da Graça, identificando a autoria do projeto. Foto da autora.

Da mesma forma como os seus conterrâneos, antes de se estabelecer na Bahia, Rossi Baptista deve ter atuado em outros estados brasileiros, em cidades que também se encontravam em processos de modernização urbana. A sugestão de que tenha vindo de São Paulo, onde outros dois arquitetos, Domenizio Rossi e Cláudio Rossi, eram bastante atuantes neste período não se comprova, apesar da coincidência dos sobrenomes, como alerta o professor Paulo Ormindo de Azevedo<sup>9</sup>. Pesquisas mais recentes, entretanto, que investigam a produção italiana nas obras de remodelação do Rio de Janeiro, indicam a participação de Rossi Baptista na construção de imóveis na Avenida Central, o que demonstra o prestígio profissional que deveria ter na cidade. Em Salvador, não identificamos até o momento sua vinculação ao Estado, seja na projeção ou execução de obras públicas, a despeito de uma considerável produção arquitetônica até os anos de 1930.

Do que foi levantado até então, grosso modo, podemos classificar sua obra em dois grupos. Concentrados no distrito da Vitória, zona residencial, os projetos habitacionais destinados à burguesia local destacam-se por programas mais elaborados e volumetrias que distinguiam o edifício no contexto urbano. Nos projetos realizados para os distritos da Conceição da Praia e Pilar, zonas comerciais, suas propostas contemplam muitas reformas e/ou reconstruções nos imóveis que sofreram cortes para alargamento da malha viária e tem por condicionante o rigoroso gabarito estabelecido para dar uniformidade ao conjunto arquitetônico.

Seu projeto mais reconhecido até hoje é a Villa Catharino, situada na Rua da Graça, local de moradia da burguesia soteropolitana no início do século XX. O edifício é tombado pelo Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia - IPAC, e, hoje, sedia o Palacete das Artes. Quando da solicitação do seu tombamento, na década de 1980, o Departamento

<sup>9</sup> AZEVEDO, Paulo O. A arquitetura e o urbanismo da nova burguesia baiana. In: JORDAN, Kátia ET alli. (2006). p. 59-80.

de Obras do Município guardava em seus arquivos cinco propostas, sendo três delas de autoria de Rossi Baptista. Possivelmente, foi o primeiro projeto que o arquiteto desenvolveu em terras baianas para um empresário de grande prestígio na cidade, o que deve ter lhe garantido certa notoriedade.

Para o Comendador Catharino projetaria, ainda nestes primeiros anos de sua estadia na Bahia, alguns edifícios comerciais e outro edifício residencial, no bairro do Canela, que hoje, abriga a Escola de Teatro da UFBA. Nas demais residências projetadas no distrito da Vitória pelo arquiteto, mais modestas se comparadas à Villa (ou palacete), encontraremos sempre a adoção de um programa arquitetônico que incorporava os novos rituais da vida doméstica: à sucessão de salas que compunham os espaços de representação da casa, ligava-se um volume que agrupava os cômodos da zona de serviço, e a zona íntima no pavimento superior. Os tratamentos volumétricos realçavam os cômodos mais importantes da casa, em composições que, geralmente, se utilizavam de varandas, *bow windows* (que podiam abrigar ora uma sala de música, ora uma sala de jantar) e pergolados, procurando conferir algum dinamismo ao projeto. Rossi Baptista, como um profissional do seu tempo, transitou nos diferentes repertórios arquitetônicos. Dos pastiches compositivos daqueles projetos iniciais da década de 1910, encontraremos o arquiteto nos anos seguintes projetando casas no distrito em estilo neocolonial, ou ainda, como chalés estilizados, reproduzindo em argamassa a estrutura enxaimel. Neste período, instalara seu escritório à Rua São João, n.º 01, 2º andar, no Bairro Comercial, onde também funcionava a Cia. da Serraria e Construções, de sua propriedade.

Os demais projetos comerciais realizados nesta fase terão condicionantes semelhantes. Os novos alinhamentos, decorrentes do alargamento e retificação do traçado de algumas das ruas do Bairro Comercial, e o gabarito de altura, que procurava garantir uniformidade e monumentalidade ao centro financeiro da capital baiana. Nos lotes situados nas esquinas, passa a ser obrigatório o uso do chanfro, o que oferecia uma série de possibilidades de tratamentos volumétricos, destacando o edifício no espaço urbano.

Praticamente todos os programas destes edifícios serão desenvolvidos em grandes espaços delimitados pelas paredes perimetrais e por aquelas estruturantes do projeto, nos quais há a definição da caixa da escada e dos equipamentos sanitários, então, exigidos pelas novas legislações que passam a normatizar a cidade e as construções. O emprego de grandes vãos, adaptáveis aos muitos usos, seria facilitado pelo emprego cada vez maior no período das estruturas de concreto armado. Nos anos de 1920, Rossi Baptista, trabalhando em conjunto com Urbano Baptista,



que se identifica como construtor, além dos projetos de arquitetura, passa a assinar também o cálculo estrutural dos edifícios.

A investigação da trajetória profissional de Rossi Baptista mostra as transformações do fazer arquitetônico ao longo da Primeira República. Independente da discussão sobre a sua formação acadêmica, sua produção demonstra o domínio da profissão e a criatividade que distingue os seus projetos dos demais do período. O estudo de sua obra, além de contribuir para a compreensão da atividade desses profissionais estrangeiros no território brasileiro, pretende identificar os rebatimentos de sua atuação na arquitetura local, no emprego de programas mais complexos, técnicas construtivas e repertório decorativo nas construções.

#### 4. Um Palacete na Cidade da Bahia

A Villa Catharino, como originalmente fora chamada, testemunha uma etapa da história urbana e social da cidade; um edifício que representa o processo de mudança dos anseios das classes mais abastadas, que, abandonando as zonas mais tradicionais, migram para os novos loteamentos dos bairros nobres onde edificam suas casas de *architectura moderna*.

Situada na Rua da Graça, a casa ocupava quando da sua construção um terreno de aproximadamente 17 mil metros quadrados, reservando o trecho contíguo à rua para a implantação do edifício e seus jardins. Este zoneamento do lote contava ainda com um pomar, uma horta e estábulos, além de garagens e quadras de esportes, em setores destinados apenas ao usufruto dos moradores e aos serviços internos, situados na parte posterior.

Quando da solicitação de tombamento do edifício, no início da década de 1980, o Departamento de Obras da Secretaria de Educação e Cultura do Estado guardava em seus arquivos cinco estudos para a residência: dois são de autores desconhecidos, e os outros três, de autoria de Rossi Baptista, datados de 1911. Destes, fora escolhido como definitivo o projeto “C”, com pequenas modificações e acréscimos em relação ao anterior<sup>10</sup>. A investigação dos demais projetos, infelizmente não localizados, poderia trazer significativas informações não só a respeito do processo projetual, mas, principalmente, acerca das demandas do cliente e da construção do programa arquitetônico.

---

<sup>10</sup> Cf. GODOFREDO FILHO. Op. cit., p. 21/2. O autor refere-se ainda à doação feita pelo referido órgão das elevações em aquarela à Biblioteca Pública do Estado. Infelizmente, este material foi extraviado e ainda não localizado.

Implantando o edifício praticamente no eixo da largura do lote, o projeto desenvolveu o programa no seu sentido longitudinal, recuado da rua o suficiente para garantir a privacidade da vida familiar, ao tempo em que permitia a contemplação de sua volumetria. O limite entre o espaço público e o privado era definido por um gradil rebuscado, interrompido pelos portões que davam acesso ao jardim: o primeiro, conduzindo o visitante à escadaria principal, oferecia-lhe a perspectiva das elevações mais elaboradas; o segundo, junto à portaria, controlava o acesso de veículos e a circulação do dia a dia.

Jardins à moda inglesa circundavam toda a residência, num arranjo mais informal da vegetação, exibindo o gosto do exótico nos espécimes trazidos de outras regiões do mundo, que, com o passar do tempo, criavam um curioso contraponto com as árvores e as flores já utilizadas na tradição local. Na área fronteira, canteiros de flores e arbustos ladeavam caminhos sinuosos e pavimentados. Ao longo do tempo, as fotografias da *Villa* em diferentes épocas mostram-nos a construção deste dinâmico espaço, desde os arbustos de pequeno porte em canteiros de forma orgânica, das cercas-vivas de pitangueiras, das mangueiras, do plantio de palmeiras imperiais enquadrando a fachada principal, até as majestosas gameleiras que, hoje, se impõem no primeiro plano do jardim, ladeando um espelho d'água que, no passado, continha peixes.

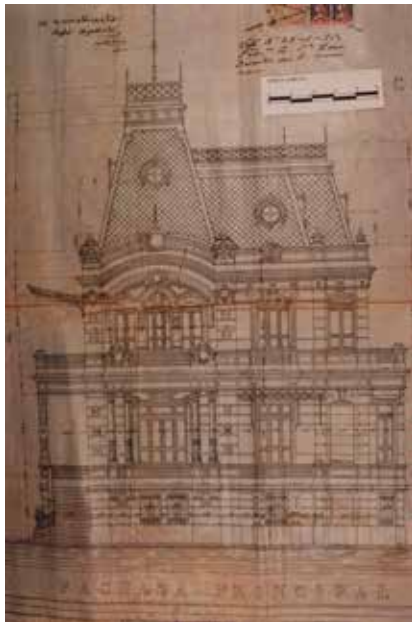


Fig. 3 – Projeto da Villa Catharino. Fachada principal e Fachada Lateral. Fonte: Arquivo Histórico Municipal/ Fundação Gregório de Mattos.



Fig. 4 – A Villa Catharino. No jardim, o Comendador e seus netos. Data desconhecida. Fonte: Acervo da Família Catharino.

Desde o início dos Oitocentos, há relatos de que nos jardins das casas da elite soteropolitana, encontrávamos um mobiliário específico para áreas externas, no qual se utilizava da técnica do embrechamento<sup>11</sup>, e, a partir do final do século, de elementos pré-moldados em ferro e cimento. Segundo depoimento da bisneta do Comendador, Sra. Alice Maria Catharino Ribeiro dos Santos, o mobiliário do jardim e elementos da casa do porteiro, que traziam clara influência do romantismo inglês e da estética do pitoresco, eram executados em pré-moldados de ferro e cimento, imitando troncos de árvores e fibras vegetais<sup>12</sup>, como os banquinhos em forma de cogumelo. Nas varandas da *Villa*, móveis em ferro fundido e redes, comuns nas habitações desde o período colonial, complementavam a ambientação dos espaços abertos.



Fig. 5 – Casa do Porteiro da Villa Catharino. Data desconhecida. Fonte: Acervo da Família Catharino.

Na parte posterior do edifício, uma balaustrada limitava os jardins, individualizando-os do trecho do terreno que se estendia até o grotão lá existente, onde estava o pomar, uma horta, o galinheiro, o estábulo, as quadra de basquete e voleibol, as áreas reservadas aos serviços internos, garagens externas e acomodações dos empregados.

<sup>11</sup> Os viajantes estrangeiros já registravam em seus diários de viagens, em leve tom jocoso, a presença de bancos embrechados e ornamentos para jardins nas casas da elite da Vitória, no século XIX.

<sup>12</sup> Estes foram demolidos em uma das intervenções executadas no edifício.

A *Villa* propriamente, segundo o projeto escolhido, foi desenvolvida em três pavimentos, observando a hierarquia e zoneamento típico das casas burguesas de então: o pavimento térreo (que, pela proporção do pé-direito, já foi definida como um porão alto) quase que totalmente destinado à zona de serviço; no primeiro andar, o pavimento nobre, os espaços de representação, privilegiados na composição arquitetônica, e, no segundo pavimento, os espaços da intimidade da família. O acesso aos vários andares era realizado através de elevador em estrutura metálica, importado dos Estados Unidos, situado em trecho intermediário dos pavimentos - um luxo até mesmo para as residências mais ricas de então -, circundado por escadaria de madeira. Escadas externas fazem ainda a ligação do térreo ao pavimento nobre, seja marcando a entrada principal, seja garantindo o acesso individualizado das áreas de serviço. No plano horizontal, uma longa circulação central distribui os cômodos que, atendendo às recomendações construtivas de então, recebiam iluminação e ventilação diretamente dos jardins.

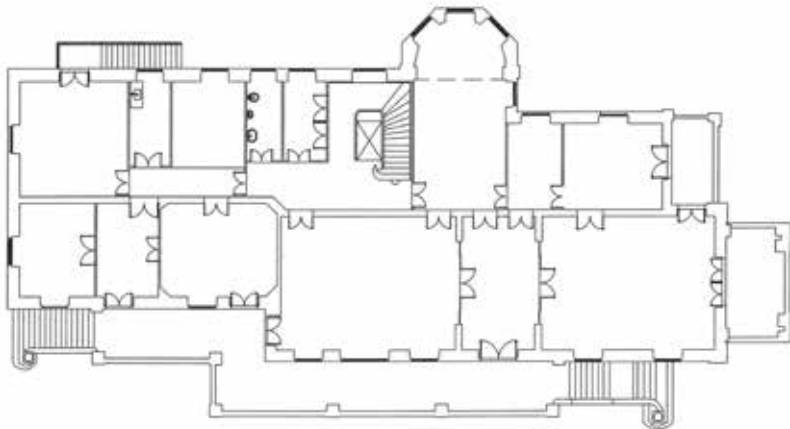


Fig. 6 – Levantamento cadastral da Villa Catharino. Planta Baixa do primeiro pavimento. Fonte: JORDAN et alli. 2006, p. 93.

O partido adotado confere ao edifício uma volumetria mais estática, dinamizada pelo tratamento dado aos principais espaços de representação da casa, tanto nas dimensões, como na modenatura utilizada. A este corpo principal são somados avarandados laterais e frontais, assim como um *bow-window* que faz a intersecção entre os trechos de larguras diferenciadas, conferindo certo movimento à extensa fachada lateral. Na elevação principal, o trecho que avança é coroado por torreão de forma trapezoidal, revestido originalmente em ardósia, antecedido por platibanda onde se vê monograma do proprietário, ladeado por águias de asas abertas.

Tendo consultado o projeto original, Godofredo Filho descreve-nos o primitivo programa arquitetônico do edifício:

[...] no porão: biblioteca, sala de bilhar, gabinete, adega, apartamento de três peças para criados, lavanderia e garagem; no 1º pavimento: vestíbulo, sala de visitas, salões de jantar e de música, salas de almoço e de costura, gabinete, aposento do mordomo, copa e cozinha; no 2º pavimento, 10 quartos, saleta, terraço e varandas [...]<sup>13</sup>.

Apesar dos cinco projetos elaborados para o imóvel, o que sugere uma grande discussão sobre o programa e as questões estéticas, os espaços definidos na proposta definitiva tiveram seus usos acomodados às necessidades da família<sup>14</sup>. No pavimento térreo, as peças de maior relevância estavam voltadas para a fachada principal e varanda lateral – a sala de bilhar e a biblioteca –, com especial destaque para a sala de barbeiro, completamente equipada, contígua ao bilhar, que mandara fazer o Comendador para cuidar da aparência. Os aposentos dos empregados, inicialmente, *à inglesa*, foram deslocados para a área externa da residência, ficando apenas um cômodo reservado, provavelmente, ao dormitório de uma antiga criada da família ou ao mordomo ou, ainda, *à governanta*. Da mesma forma, acomodaram-se as preceptoras alemãs, responsáveis pela educação das crianças e jovens da família, na casa vizinha *à Villa*, hoje, já demolida. No trecho posterior do pavimento, parte da zona de serviço (lavanderias, garagem interna e adega) foi mantida, e aparece como um dado curioso a informação da instalação de uma piscina no cômodo contíguo ao elevador<sup>15</sup>. Um banheiro servia ao pavimento e, como nos demais andares, dispunha de louças sanitárias inglesas e ladrilhos cerâmicos franceses.

O acesso ao andar nobre se dava pela varanda voltada para os jardins laterais, ao qual se chegava através de uma escadaria em mármore, que funcionava ainda como circulação externa, ligando a zona social àquela de serviço. Daí passava-se ao vestíbulo, que organizava a circulação aos espaços de maior relevância, ligando-se a um corredor central, que levava ao pequeno cômodo que funcionava como guarda-chapéus. O vestíbulo conduzia aos principais salões da casa: do lado da fachada principal, a Sala de Visitas, estrategicamente colocada, e a Sala Napoleão,

<sup>13</sup> GODOFREDO FILHO. op. cit., p. 22.

<sup>14</sup> Tais informações nos foram fornecidas por D. Alice Maria, bisneta do Comendador Catharino.

<sup>15</sup> Apesar dos depoimentos de D. Alice Maria, não foi possível encontrar vestígios construtivos deste equipamento no edifício, nem mesmo nos relatórios das obras de adaptação do imóvel.

cuja decoração e nome decorrem de uma admiração e identificação do Comendador com esta personagem histórica. Do outro lado, a Sala de Jantar, de dimensões similares a de estar, onde, segundo informações da família, podiam comer sentadas cerca de 40 pessoas. Seguia-lhe a Sala de Almoço, usada nas refeições do cotidiano, facilitando a circulação com a zona de serviço – copa, cozinha e saleta para os empregados. Dentro do zoneamento proposto, todos os cômodos praticamente se interligam através de esquadrias de dimensões distintas, permitindo a dilatação das áreas em dias de recepção ou individualizando-as no uso do dia a dia.



Fig. 7 – Villa Catharino. Vista do vestíbulo e da sala de estar, a partir da sala de jantar. Fonte: JORDAN et alli. 2006, p. 89.

A partir do vestíbulo, vislumbrava-se ainda a Sala de Música, item sempre presente nas casas da elite, situada no *bow window* que movimenta a fachada oposta, com plataforma elevada para a colocação do piano. Logo depois da escadaria e do elevador está a pequena capela doméstica, elemento presente nas moradas urbanas das classes abastadas desde o período colonial e que, neste momento, começam a desaparecer do programa arquitetônico. Contudo, em virtude de suas dimensões, muitos dos rituais religiosos católicos da família, como batizados e casamentos, realizavam-se na sala de música (ver figura 06).



Fig. 8 – Sala de Música em dois momentos: utilizada para o batizado de uma neta do Comendador e quando da sua adaptação para o uso do edifício como museu. Fonte: Acervo da Família Catharino e JORDAN et alli(2006), p. 128.

No segundo pavimento situava-se a zona íntima da casa, com 10 dormitórios, gabinete, saleta, quarto de costura, varandas e solário. Na

fachada principal, os aposentos do casal contavam com o quarto do Comendador e o de D. Úrsula, precedidos por um gabinete particular e ainda uma saleta que se abria para a varanda, onde o Comendador tomava seu desjejum. No sentido longitudinal do edifício, seguiam os quartos dos filhos que ainda moravam com o casal, que se abriam para a varanda lateral, um deles, com avarandado sobre o *bow-window*, na fachada oposta, onde também estava um quarto de costura. A cobertura do avarandado lateral em estrutura metálica e vidro conferia leveza à fachada, ao tempo em que multiplicava as possibilidades de iluminação dos dormitórios. Todo o pavimento era servido por uma única *sala de banho*, elemento que, muitas vezes encontrado em anexos da edificação principal, só aos poucos, iria se introduzir no agenciamento doméstico *à francesa*, isto é, próximo das escadas. Um pequeno mirante, cujo acesso se dava a partir do último pavimento pela escadaria ou elevador, coroava a cobertura da edificação, ratificando uma hierarquia espacial que valorizava a vista da rua desde um ponto elevado.

A decoração destes cômodos tinha uma importância primordial na construção da ambiência doméstica, devendo sugerir o status econômico, refinamento, grau de ilustração e cosmopolitismo dos proprietários, ao tempo em que garantia o conforto da vida privada. As novidades da Europa, referência sempre presente, chegavam à burguesia local de forma direta, e também através do contato com o Rio de Janeiro e São Paulo, seja através da divulgação de álbuns de projetos de arquitetos e desenhistas europeus, seja a partir das inúmeras viagens de negócios ou de recreio empreendidas pelos integrantes destas famílias abastadas<sup>16</sup>.

Na *Villa Catharino* os materiais empregados na construção foram praticamente todos importados da Europa e dos Estados Unidos. À escadaria em mogno inglês, aos pisos em *parquet*, em composições e cores diversas para cada ambiente, de origem francesa, assim como às esquadrias e serralheria em bronze, juntavam-se os revestimentos cerâmicos e louças sanitárias vindas da Inglaterra como que para atestar a qualidade do empreendimento. Importados também eram os vidros jateados, cristais, lustres, mármore, vitrais, mobiliário, tapeçarias e tecidos para cortinas<sup>17</sup>.

<sup>16</sup> Fátima Fontenelle identifica alguns dos álbuns de mobiliário disponíveis às classes abastadas, neste período, assim como anúncios de marcenarias que atrelavam à qualidade dos seus serviços os “álbuns de modelos”, vindos diretamente da Europa, e oferecido aos clientes para consulta, como, por exemplo, as imagens retiradas do *L'Aménagement Moderne*. Cf. PESSOA, Fátima M. de Oliveira Fontenelle. *Um olhar para o interior, as residências de Salvador - século XIX*. Dissertação apresentada ao Mestrado de Artes Visuais da Escola de Belas Artes da UFBA. p. 88-9.

<sup>17</sup> *Idem*, p. 158.





Fig. 9 – D. Úrsula na sala de estar da Villa Catharino. Data desconhecida. Fonte: Acervo da Família Catharino.

Sobre o mobiliário da residência dos Catharino pouco se sabe, a não ser que os móveis mais refinados foram encomendados na França, assim como as tapeçarias e tapetes *Aubusson*, para a inauguração da casa<sup>18</sup>. As fotografias existentes destacam aqueles do pavimento nobre,

---

<sup>18</sup> Segundo PESSOA, nem mesmo nos testamentos de D. Úrsula e do Comendador não são arrolados os elementos componentes dos interiores da casa. Op. cit., p. 182.

especialmente, o conjunto do salão principal, com console e espelho em madeira dourada de características Luís XV, canapé e poltrona de braço, com assento e encosto em tapeçaria *Aubusson*, que ficava assentado sobre tapete francês com motivos florais, disposto sobre o piso em *parquet*. Na sala de jantar, mobília de grandes dimensões, pesada e fabricada com madeira escura, adornada com entalhes e elementos decorativos de grandes dimensões, como frutas e folhas, enquadrando-se dentro dos estilos do *revival*<sup>19</sup>. As características do mobiliário condiziam com suas funções, mas considerava uma temática determinada para o cômodo, ratificando uma hierarquia que, para além de sua disposição na composição arquitetônica, pode ser observada no tratamento das superfícies destes espaços: pisos, forros e alvenarias. A pintura desses espaços, figurativa ou não, é o indicador de seu uso.

A decoração interna e pinturas murais, pelo menos dos espaços mais elaborados, segundo da família, estiveram a cargo de Oreste Sercelli e de seus auxiliares, mais um dos artistas que migraram para a cidade no período das remodelações urbanas. Deste artista-pintor e decorador italiano, formado pela Escola de Artes Industriais e Decorativas de Florença, que migrou para o Brasil no final do século XIX –, temos ainda poucas informações de sua passagem por Salvador<sup>20</sup>.

Como o esperado, o artista destinou as pinturas de maior destaque ao pavimento nobre. No salão de visitas, assim como na mobília, predomina a inspiração neo-rococó numa extensa composição que toma todas as paredes. Ramalhetes de rosas, espirais alternadas e festões distribuem-se em elementos da arquitetura para realçar os painéis de toque *watteaunianos* nas bucólicas cenas representadas. A Sala Napoleônica, onde ainda se vê nos frisos águias e formas estilizadas, um pesado cortinado de veludo em cor vibrante, dava o ar solene deste gabinete. Como se observa em outras residências, às pinturas da sala de jantar foram reservadas as naturezas mortas, com muitas frutas e vegetais, às quais se incorporaram as imagens de animais nobres, no caso, pavões, temática que se repete no vitral que domina

<sup>19</sup> Idem, p. 173.

<sup>20</sup> Além dos trabalhos que lhes são atribuídos na Villa Catharino, encontramos-lo trabalhando nos salões da casa do Comendador Pedreira, do Club Euterpe, residência de José Sá e Solar dos Carvalhos. Cf. GODOFREDO FILHO, op. cit., p. 25. Além disto, tem-se o registro de seu trabalho nos detalhes decorativos e pintura ornamental da Capela do Menino Jesus e Santa Luzia, construída em 1901, em São Paulo (2º edifício religioso neogótico da cidade); além de sua presença na *Missão Artística Italiana* que, em 1918, segue para Sergipe, a fim de realizar uma série de obras civis, cabendo-lhe a decoração do Palácio Olímpio, sede do governo.

a parede principal da sala<sup>21</sup>. São utilizadas nos murais cores intensas e fechadas, que combinadas aos lambris de madeira que revestem o trecho inferior da parede, contribuem para a pouca luminosidade do cômodo, apesar do vitral. Merece atenção especial o tratamento pictórico da Sala de Música, onde harpas estilizadas e anjo com instrumento de corda, pintado no teto, e guirlandas de flores decoram a aba do forro. Referência também se faz ao tratamento da pequena capela, cujas paredes e forro em estuque originalmente apresentavam cores claras e suaves, predominantemente em tons de azul claro e branco, realçando o elemento principal do cômodo, um vitral com a imagem da Nossa Senhora da Conceição<sup>22</sup>.



Fig. 10 – Pinturas parietais com motivos paisagísticos encontradas no forro do quarto do Comendador Catharino. Fonte: JORDAN et alli, 2006, p. 44.

O estilo neo-rococó, com a predominância de guirlandas de flores e laçarotes, foi reservado aos dormitórios, situados no último andar, cujos desenhos variam na cor, no nível de estilização e geometrização de cômodo para cômodo. Os motivos paisagísticos são raros, sendo encontrados, hoje, no forro correspondente à área que servia de quarto

<sup>21</sup> O vitral hoje existente é, segundo a bisneta do Comendador, uma cópia do original francês, que foi retirado.

<sup>22</sup> Assim como o da sala de jantar, também este vitral foi substituído quando de uma intervenção no edifício.

ao Comendador (ver figura 10) e no quarto voltado para a fachada posterior. Utilizando-se da técnica do estêncil, as pinturas parecem seguir moldes e modelos de gravuras, comuns na época, ao gosto do cliente.

Dos jardins ao mobiliário, as residências burguesas do chamado período eclético, que passaram a atender por várias denominações que identificassem seu status – villas, mansões, solares, palacetes –, são uma manifestação do processo civilizador no espaço da cidade. Neste contexto, a *Villa Catharino* permanece como o registro de um momento de idealização de uma nova ordem – moderna, civilizada e progressista –, das contradições de um período de grandes transformações, fragmento de uma imagem da *Renascença Bahiana*, que não se realiza completamente, a não ser na utopia das elites de então.

**Maria do Carmo Baltar Esnaty de Almeida** – Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela UFPE, Especialista em Conservação e Restauração de Monumentos e Centros Históricos CECRE-UFBA, Mestre e Doutora em Arquitetura e Urbanismo pelo PPGAU-UFBA. Professora do Departamento de Construção Civil do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia – IFBA. Como pesquisadora, investiga os processos de modernização urbana a partir de meados do século XVIII e a arquitetura eclética, particularmente, a residencial.